

VII Congresso Latino-Americano de Estudos do
Trabalho. O Trabalho no Século XXI.
Mudanças, impactos e perspectivas.

GT 13 - Trabalho imaterial e suas configurações na “nova economia”

Telefones celulares e a realização do trabalho imaterial:
articulações e práticas na produção do novo social

Claudia Dipolitto de Oliveira Sciré

Telefones celulares e a realização do trabalho imaterial: articulações e práticas na produção do novo social

Resumo:

A utilização das TICs nas práticas de trabalho é campo para uma vasta discussão que passa por análises sobre as mudanças na esfera produtiva e nas práticas gerenciais, bem como sobre os efeitos do uso de tais tecnologias como formas de regulação das práticas de trabalho e de controle dos trabalhadores. Aliadas ao processo de flexibilização do trabalho, que veio alterar a conformação do tempo produtivo, entram em cena discussões que visam destacar as novas formas espaço-temporais nas quais as relações de trabalho se dão, num contexto em que o regime de velocidade imposto trazido por estas tecnologias gera um deslocamento na maneira de se elaborar questões sobre o ser-estar no trabalho. Este trabalho aponta para alguns dos efeitos dos usos dos telefones celulares articulando as dimensões trazidas pelo seus usos com a discussão sobre trabalho imaterial e formas de controle.

Objeto

Este trabalho é fruto de parte de uma pesquisa de doutorado que busca compreender alguns dos impactos das práticas de uso e consumo dos telefones celulares nas relações sociais, bem como as reconfigurações no mundo social que este objeto, enquanto ferramenta ativa da comunicação cotidiana, ajuda a conformar. Dentre as inúmeras possibilidades de análise que são passíveis de discussão –uma vez que o telefone celular se encontra disseminado por toda a sociedade, estando seus mais diferentes usos imbricados em todas as esferas da vida social – escolheu-se como recorte da pesquisa as dimensões de mobilidade, mercado e controle.

No que diz respeito a esta comunicação, o enfoque será dado à relação as práticas de trabalho e suas reconfigurações a partir do uso de celulares. O intuito é colocar a descrição e análise de tais práticas em consonância com o que vem sido discutido a respeito das novas formas de ser e estar no trabalho, principalmente a partir do prisma do trabalho imaterial.

O eixo de análise envolverá a interface mobilidade e controle. Mobilidade porque esta constitui uma das principais características associadas ao telefone celular, ao mesmo tempo em que é a tônica que pauta as práticas de trabalho na contemporaneidade. E controle porque, como será possível perceber, trata-se de uma dimensão que se encontra inerentemente relacionada ao uso do celular como ferramenta, o que por si só, dentro dos processo de trabalho dá ensejo para se pensar à própria conformação das novas práticas que não deixam intacto o regime de relações entre trabalhadores, empregadores e as formas de gestão do tempo de trabalho.

Sendo assim, torna-se mais do que legítimo analisar como algumas das consequências trazidas pelo uso destas novas tecnologias dialoga com novas formas de trabalho em curso, no sentido de gerar novas práticas que merecem ser aqui discutidas.

Objetivos

Este trabalho pretende descrever e analisar algumas das consequências trazidas pelos uso dos telefones celulares relacionando-os às novas formas de ser e estar no trabalho. Mais concretamente: sabe-se que seu uso está praticamente disseminado por toda a sociedade (CETIC, 2012). São eles um dos elementos-chave que compõem os novos processos trazidos pela sociedade informacional (Castells, 2000), que gerou efeitos nas conformações do capitalismo e nas formas e trabalho. Enquanto mediadores, eles atuam no feixe de relações entre trabalhadores, suas empresas e seus clientes, permitindo a disseminação de informações, ideias e outros elementos cognitivos pelos quais o chamado trabalho imaterial se

concretiza (Lazzarato & Negri, 2001). Além disso, a partir de seus efeitos de permitir a comunicação à distância em momentos de mobilidade, eles são os representantes-chave da ideia de abandono dos rígidos padrões espaço-temporais, pelos quais as relações de trabalho eram pautadas.

Sabe-se que o que vem a ser conceituado como trabalho imaterial não necessariamente pressupõe a utilização das tecnologias de informação e comunicação, mas que estas constituem elementos importantes na realização destas novas formas de trabalho. Até porque a proliferação de tais tecnologias se torna cada vez mais necessária para a otimização de tempos e processos – o que vem sido constantemente exigido dos trabalhadores pelos imperativos da velocidade e da instantaneidade que as TICs inauguram (Virilio, 1997).

Sendo assim, é preciso compreender as formas de trabalho imaterial enquanto atravessadas pela velocidade e potencializadas pela tecnologia. Imersos nestes processos, os telefones celulares e suas práticas de uso acabam sendo prismas para se analisar as novas formas espaço-temporais nas quais as relações de trabalho imersas na dimensão do imaterial se dão. Mais do que isto: permitem entender a própria constituição desta nova forma de trabalho a partir dos efeitos que seus usos e incorporações enquanto instrumentos de trabalho têm gerado.

Analisar estas relações pressupõe, porém, um olhar que tome estes dois elementos atuando em conjunto. Isto que dizer que a relação entre celulares e trabalho imaterial tem que se pensada nos termos um processo que acaba gerando uma determinada configuração de práticas e relações para cuja conformação contribuem cada um com suas dimensões específicas. Por um lado, sabe-se que os celulares podem ser vistos como ferramentas a partir das quais as práticas de trabalho que se colocam como imateriais se concretizam, a partir das capacidades de conexão que estes colocam aos seus usuários. Por outro, até que ponto a própria configuração do que se chama trabalho e imaterial também não é responsável pela maior disseminação e proliferação de uso destes artefatos?

Trata-se de processos imbricados. O que se espera é conseguir traçar os eixos nos quais ambos se encontram e fazer convergir novas configurações societárias. Para isso serão abordadas algumas questões-chave como os processos de desterritorialização e as novas concepções temporais – situados em feixes de relações dos quais os imperativos da mobilidade e da instantaneidade (que pautam as relações não apenas de trabalho) fazem parte.

Práticas de trabalho desterritorializadas, flexibilização dos locais de trabalho e insitinação entre tempos de trabalho e lazer, tempos da vida e tempos de trabalho colocam-se como padrões societários que muito têm a dizer sobre as formas de vida e trabalho em meio ao mundo da conexão generalizada. Alguns de seus efeitos permitem apontar para a emergência de novas formas de controle que se fazem gestar no entrecruzamento das fronteiras dentre maior mobilidade e liberdade dos trabalhadores de um lado e perda de fronteiras do que pode ser considerado práticas de trabalho. Espera-se poder demonstrar como a força destas formas de controle está justamente em seu ser-estar difuso e imbricado às novas formas de subjetividade.

Metodologia

Para dar conta de tais questões, abordar-se-á parte da extensa discussão bibliográfica sobre os processos que pautam o mundo das conexões em meio à mobilidade – inaugurado pelos telefones celulares. Em paralelo, será possível antever como estes efeitos estão imbricados à natureza do trabalho imaterial. Sendo assim, a discussão será pautada numa discussão teórica sobre os elementos constitutivos do trabalho imaterial com base na bibliografia de referência (Lazzarato & Negri, 1991; Lazzarato & Negri, 2001; Hardt & Negri, 2001).

Porém, para melhor conhecer os efeitos desta articulação entre os processos de trabalho imaterial e o uso do artefato, serão utilizados alguns exemplos e situações advindas da pesquisa empírica realizada com alguns trabalhadores que fazem uso extensivo dos celulares em suas atividades profissionais. Trata-se de dados obtidos a partir de entrevistas e situações observadas ao longo do processo de campo que permitirão a visualização de algumas situações a partir das quais é possível compreender as conformações societárias em curso.

Resultados

Como o doutorado ainda está em andamento, parte dos resultados aqui apresentados não têm a intenção de se apresentarem como definitivos. Porém, já é possível traçar algumas linhas gerais de análise.

Em primeiro lugar, o ensejo para a conexão permanente torna-se o pressuposto para a execução de grande parte das atividades profissionais. Para quem está fora do local de trabalho e se comunica via celulares, é o acesso irrestrito a redes de contatos inegavelmente pela conexão. Celulares, enquanto instrumentos de conexão atuam desta forma como um complemento essencial para que a força de trabalho se realize enquanto tal. Mais do que isto:

reforçam o elo entre trabalhadores e suas empresas, que se constrói não necessariamente pela presença no local de trabalho, mas pela conexão constante ensejada pelo artefato.

Em segundo lugar, a instantaneidade de conexões possibilitada pelo artefato acaba abolindo o tempo do “depois”, uma vez que não cabe mais deixar para responder a uma chamada ou a uma mensagem. Ao colocar a possibilidade de estar acessível a qualquer hora e em qualquer lugar, o celular contribui para gerar um embaralhamento entre diferentes tempos (de trabalho, de lazer, de atividades públicas e privadas) e entre os diferentes campos da vida (trabalho, casa, escola, lazer etc.) (Gant; 2001). Cada vez mais tempos específicos (para interações, também específicas) são substituídos pela possibilidade de conexão irrestrita e podem ocorrer a qualquer momento (Amadeu, 2009), sem a necessidade de programação antecipada.

Se um dos efeitos da acessibilidade permanente é permitir cada vez mais a “invasão” de esferas que trazem consigo redes de relações e interações que remetem a outros tempos, espaços e situações através de chamadas e mensagens, uma vez enganjando neste processo, os indivíduos são coagidos a exercer papéis diferentes daqueles que estavam sendo exercidos momentos antes da conexão. Extrapolando este efeito para o mundo do trabalho, é possível perceber como o trabalhador vem cada vez mais perdendo sua autonomia de ter respeitado o tempo de seu não trabalho. Chamadas profissionais após o final do expediente, durante os finais de semana, em horários de almoço; interações entre colegas durante o momento de descanso com a família etc. configuram exemplos deste processo.

Uma vez que o trabalhador tem no telefone celular o instrumento primordial para ser encontrado, perde-se a autonomia de regular o que é ou não é tempo de trabalho, ou de ter esse tempo regulado dentro do espectro de uma relação contratual por terceiros. Trata-se de uma nova marcação do tempo e de relação com ele, que mina com divisões clássicas do tempo de trabalho e tempo livre.

Estas são algumas das dimensões a partir das quais é possível observar as articulações com práticas imateriais de trabalho. As diversas configurações nas quais o trabalho imaterial se concretiza implicam, em parte, nas práticas de uso destes artefatos de conexão, pois são eles os mediadores necessários que permitem que as disjunções espaço-temporais características das atuais formas de trabalho ganhem sentido.

Interessante notar como neste processo entram em cena linhas de força que não deixam intacto o regime de relações entre trabalhadores e seus tempos de trabalho, bem como as

formas de ser e estar no trabalho e de se relacionar com ele, a partir da incorporação destes artefatos nas práticas profissionais.

Não há de se negar que os celulares, enquanto artefatos da conexão instantânea de fato possam auxiliar e muito o cotidiano produtivo e a execução de tarefas profissionais. É difícil mensurar, porém, até que ponto a este dispositivo, ao ensejar cada vez mais meios a partir dos quais o trabalho imaterial se concretiza pode atuar sem destruir os tempos de não-trabalho de cada um. Além disso, se, como já preconizam os teóricos do trabalho imaterial, tempo de consumo também é tempo de trabalho, até que ponto o próprio consumo do serviço de telefonia (representando pelo simples fato de se ter uma linha ativa e andar sempre com o celular ligado) já não aponta para um processo de captura dos tempos da vida? Neste sentido, pode-se questionar se estes dispositivos não acabam atuando como formas de controle que acabam ajudando a pautar novas formas de subjetividade contemporânea.

Bibliografia principal

AMADEU, Sergio – Economia da cultura digital, in: SAVAZONI, Rodrigo; COHN, Sergio - *Cultura digital.br*. Azougue editorial, 2009

CASTELLS, M - A sociedade em rede. São Paulo, Paz e Terra, 2000.

CETIC- Centro de estudos sobre as tecnologias da informação e comunicação. Pesquisa TIC domicílios, 2011. www.cetic.br Acesso em 12.10.2012

GANT, Diana - *Blurring the Boundaries: Cell Phones, Mobility, and the Line between Work and Personal Life*. 2001. Retirado do site:
<http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/summary?doi=10.1.1.61.1537> Acesso em: 12/06/2010

HARDT, M. & NEGRI, A. –Imperio 2. Ed. Rio de Janeiro, Record, 2001.

LAZZARATO, M. & NEGRI, A.- Travail immatériel et subjectivité. Futur anterior, n.6, été, 1991

_____. Trabalho imaterial: formas de vida e produção de subjetividade. Rio de Janeiro, DP&A, 2001

VIRILIO, P. - Velocidade e política. São Paulo, Estação Liberdade, 1997